SOCIOLOGIA

GT 9: IDENTIDADES E DIFERENÇAS

Sessão 1: Relações étnicas e raciais

REDISCUTIR FANON A PARTIR DA VIVÊNCIA ESCOLAR

Sandro de Santana Ferreira – UFRRJ-PPGEDUC

sandrosantana@hotmail.com

Lenita Ramos Vasconcelos – UFRRJ-PPGEDUC

lenitarv86@gmail.com

O presente trabalho busca refletir sobre a obra de autoria de Frantz Fanon; “Pele Negras Máscaras Brancas”, e a partir disso construir perspectivas de leitura para os problemas do racismo que se manifestam no ambiente escolar. Para tal intuito pensamos numa leitura atenta e contemplativa sobre a obra deste autor, leitura essa que terá como base as reflexões de Hommi Bhabha e Mikhail Bakhtin. Bhabha em seu trabalho, “O Local da Cultura”, já apresenta uma importante apreciação do trabalho de Fanon, enquanto Bakhtin nos ilustra no que tange o potencial de leitura do autor pela totalidade da obra e ao mesmo tempo como habita nesta a capacidade de sua ressignificação. Aqui buscamos um movimento de contexto, fazendo Fanon renascer sobre o que seria o problema ainda pobremente encarado pela escola acerca do racismo. Trabalhando em conjunto com essa reflexão, constrói-se um lugar entre-cruzado ao abordar a vivência cotidiana deste mesmo que vos escreve, o qual atua como professor de história nas séries iniciais da rede pública municipal da cidade de Magé/RJ. Assim, repensando os princípios éticos do funcionamento de uma instituição pública de ensino. A escolha de Fanon e desta obra se deve pela percepção e sensibilidade do tal ao perceber na experiência colonial a construção do racismo, tanto como algo violento, como algo de uma sutileza perversa. Essa esfera dupla do racismo, fruto do trauma colonial, permite sua existência como algo imperceptível e constitutivo do status quo das sociedades pós-coloniais. Desta forma, optamos por inserir a realidade brasileira e mageense como uma realidade pós-colonial, pois não se percebe nesta a superação da hierarquização axiológica, a qual traduz tudo aquilo que é relativo ao seio desta nossa terra como algo invariavelmente inferior ao norte imperialista do mundo.

Chegada a Fanon

Antes de pesar sobre o que penso e o que edifico. Aqui existe, anteriormente, um caminho... Pesquisar pode ser entendido como trilhar uma trilha, onde o método é o caminho, a teoria a bússola, o objeto o solo e o objetivo nosso ponto de chegada... Essa esquematização simples emerge como uma metáfora sobre o fazer que aqui propomos fazer. Sendo desta forma tanto as resposta quanto, o onde, o como, o quando e o porque, precisam anteriormente ir para um certo lugar. O qual defino como a partir de um indagar: que lugar é esse que se começa?

Não se invoca isso por uma verbosidade ou muito menos por uma espécie de metalinguagem. O que se fala, é dito pelo fato de que o caminho não muda apenas pelo o que se quer chegar. A chegada se define pelo próprio começo, o qual mede diretamente a dificuldade da missão proposta.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Assim, surge um lugar de começo duplo, pois ele indica onde queremos ir e aponta os pés do andarilho. Desta forma, vamos começar por algo que nós dois (escritor e leitor) devemos saber ao mesmo tempo, mas não da mesma forma. Esse trabalho será sobre Frantz Fanon, não necessariamente o homem, mas sim o autor e por isso viajaremos por sua obra, não por sua vida. Nesta que tentaremos pensar certas questões...

E quais seriam elas?

Para tal intuito nos deslocamos de forma misteriosa para o começo, para uma gênese antes da caneta, antes desse papel, anterior até mesmo a esse título. Vamos para uma vida, uma pequena existência de uma pequena pessoa que ira dar as razões do que é dito pelo porque é dito.

No caso, como uma manobra leve vamos para aquilo que insinuo como minha narrativa. Voltando assim meus olhos num espelho de escrita, onde faço sentido no inacabamento de minha existência, para dizer o que me moveu ao meu movimento.

Primeiramente, devo dizer que esse “eu” é um ser que se identifica como um aluno de um programa de mestrado... Um aluno confuso, que chegou cheio pretensões e pouca destreza... ele durante um ano não sabia bem o que faria, ou mesmo o que fazia, escrevia abundantemente numa tentativa de emergir na escrita algo que poderia ser chamado de pesquisa...

Todavia, havia um problema grande, pois se a vontade lhe habitava, uma coisa lhe era vaga... seu objeto e assim sem um lugar para fincar sua trilha, acaba por chegar em lugar algum.

Suas leituras percorriam obras diversas e em nenhuma delas ressoava seu trabalho. Acabava por acumular uma erudição despretensiosa e principalmente sem objetivo, logo sem método, sem trabalho e etc.

Em um ano se deitou sobre obras que poderiam lhe dar uma boa “base teórica”, ou seja lá o que este pretendia. Na sua mente confusa rodava ensaios perdidos, como se fazer boas perguntas tivesse algo haver com o olhar habilidoso. Claro que ninguém pergunta sem ter uma ideia, contudo, a pergunta deve apontar para o que se quer saber, o saber não se move por si só. É a dúvida sistêmica que move um saber para outro.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Parte de tudo aquilo que é saber é dar acabamento a certas coisas sem forma. Por isso um entre-lugar da ordem e do caos.

Doravante, nunca seria na teoria que se encontraria um objeto. Isto seria o mesmo que tentar fazer com que os olhos ao olhar a si mesmos iluminassem um caminho que resultaria num trabalho exterior aos olhos.

Ora, olhar a si mesmo, não é perscrutar um caminho para além do olhar. Olhar a si mesmo é transformar uma pessoa numa ostra. Não que isso não seja importante, ou mesmo bom no nível adequado, mas quando se mergulha no esimesmamento, acabamos numa confissão, pois uma pesquisa não é apenas para o “eu” que se concilia consigo mesmo. O excedente de visão (BAKHTIN,2010) que emerge do trabalho deve potencializar uma reflexão sobre a condição dos outros entre os outros.

A pesquisa por seu próprio estilo é expansiva, ela não é apenas um “eu” que me move, ela é um algo a mais. Olhar a mim mesmo por prismas dos mais ricos e diversos pode ser algo ótimo e enriquecedor, mas não constituem em hipótese alguma, até onde vive meu pobre saber, numa pesquisa.

A ciência é para o mundo, o cientista mergulha no mundo e oferece ao mundo o próprio mundo. Se existe um “eu” é para que ele desapareça nesse mundo, para deixar de ser um mero “eu”, para ser um estar como o Outro. Dependendo da minha existência ética para poder ter um fazer estético, contudo o autor que aqui se busca não é meramente um auto-conciliar-se.

Logo, leitor, você deve perguntar: onde ele quer chegar? Ao falar de si mesmo, para dizer que esse “eu” é o menos importante. No caso em questão, apenas sinalizo que não chegava em lugar nenhum, que na minha busca dessa tal “base teórica”, que era apenas um movimento de acúmulo de erudição, me via refletindo sobre o olhar de pesquisar e pensar, mas assim ignorando que não se inventa telescópios para se ver telescópios.

A pergunta não emana da visão, mas de um movimento de vontade, o juízo e o pensamento dão a potência do caminho da resposta, mas não é necessariamente pensando melhor que pergunto melhor. Posso entender esquemas abstratos diversos e ao mesmo tempo não me proponho a algo novo, posso muito bem apenas girar em torno de mim mesmo e ficar numa tautologia infinita...

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Ora, se a pesquisa me move para um caminho que sai de onde estou para um lugar que não estou e ao mesmo tempo essa trilha não é para um “eu”, mas para o Outro. Ela não deveria andar em círculos, mas sim mover o mundo em Outro mundo. Mesmo que este seja por alguns detalhes milimétricos diferentes. Todavia, estes potencialmente podem fazer parecer que certo lugar, ali, não estava...

Talvez, todo mundo já sinta a existência desse lugar, pretensamente diferente. Talvez não seja algo tão puramente inédito, mas de uma certa maneira aqui, por ser autor, na experiência única de viver uma vida que não se repete, pode-se colocar nesse mover um impressão que até então não existia. Posso estar no mesmo lugar, mas o sentido que pode surgir entre a relação de você comigo é sempre único, pois a história é sempre única, irrepitível (BAKHTIN, pp. 57, 1993).

E assim, nesse corte, surge Fanon...

De fato se não achava chão, precisei mudar o que olhava, ao colecionar nomes para formar uma tal “base teórica” percebi que o que movia essas letras, que fazia caneta e papel virar texto era essa mesma suposta teoria.

Tirei Fanon do lugar de lente, para o lugar de chão... e por que isso? Bom, este autor era inicialmente um pensador para pensar sobre a condição de discriminação de raça/cor. Tal problema seria o foco inicial da minha pesquisa refletir sobre a condição do racismo... No caso desenhava de maneira vaga onde iria ver essa manifestação, contudo, como fenômeno ela emerge de tudo e em tudo. Se vivemos num mundo que pode ser dito racista, isso emerge como poder, ação e olhar.

A leitura de Fanon (2008) potencializa um olhar sobre elementos constitutivos desse fenômeno (o racismo) em esferas do reconhecimento do ser como ser. Sua obra perpassa da linguagem, relações de gênero, de valores. Seu legado demonstra que o racismo representa a destruição de um sentido ontológico, pois com o racismo, negros e brancos não podem ser reconhecer dialeticamente. Não há a superação do senhor pelo escravo, ou vice e versa (FANON, 2008). O que percebemos é um clima de naturalização a partir do sentido essencial que compartilha nossa visão ocidental. O negro representa algo negativo, mesmo que isso não se refira a um ser. A luta entre o bem e o mal se encarna entre o negro e o branco (FANON, 2008), assim essencializando um estado de não poder ser no negrx como negrx.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Desta forma Fanon surgiu-me como um interlocutor. Cotnudo, o erro residia não no ato de ler Fanon, mas ler Fanon sem saber o que queria responder, sem saber onde pensava em chegar.

O que surgia era um esforço estranho de fazer da teoria nascer a evidência, sendo que o que seria mais adequado é a teoria surgir do evidente. Do abstrato somente mergulhamos no abstrato, pois o pensamento só produz novos pensamentos.

(...) o conhecimento, por serem concebidos, constituem uma relação relativa e reversível, uma vez que o sujeito do conhecimento como tal não ocupa um lugar concreto na existência. Porém, esse mundo único do conhecimento não pode ser percebido como o único todo concreto, preenchido pela diversidade de qualidade da existência, da mesma forma como percebemos uma paisagem(...) A contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato... (BAKHTIN, pp. 22, 2010)

Bakhtin sinaliza a partir da distância do mundo do conhecimento e do mundo da vida, que uma ética pautada em princípios feitos por pura especulação lógica não permitem a participação de cada pessoa. Ele sinaliza um ato arbitrário constituir uma moral pautada em elementos morais que não emergem do ato concreto e da vivência que cada sujeito têm. Ele sinaliza que a construção arquitetônica de nosso tempo é uma relação de falsear a vida

Se eu me abstraio do centro que constitui o ponto de partida da minha participação única no Ser, e eu faço isso, além do mais, não apenas da determinação de conteúdo da minha participação (determinação com respeito a tempo, espaço, etc.), mas também do fato de ela ser realmente, emocionalmente e volitivamente reconhecida e afirmada, então a unicidade concreta e a necessária realidade do mundo começará inevitavelmente a se decompor; ela se desintegrará em momentos e relações abstratamente universais, meramente possíveis, que podem ser reduzidos a uma unidade meramente possível, igualmente abstrato-universal. (BAKHTIN, pp. 58, 1998)

Assim para ser autor e fugir de uma ética onde se edifica com princípios que são alheios a participação de cada ser... foi feita uma escolha. Quando torno Fanon o objeto de minha reflexão, edifico um lugar para me fincar, um lastro que não me faz flutuar em ideias dispersas e confusas, as quais caminham para um ponto longínquo da vida.

Por isso uma pergunta emerge também: o que quero da obra de Fanon? O que lhe pergunto para fazer o movimento da pesquisa? Uma coisa que Boaventura

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

(SANTOS, 2011) sinaliza sobre o pensamento Rosseau, que as boas perguntas são aquelas que de tão simples somente uma criança poderia fazer.

Indagando dessa forma questiono... O que Fanon pode nos ajudar na educação? Ora, vivemos uma sociedade racista e a educação como lugar de inserção da novidade na continuidade gera uma potência de ruptura sistêmica. Logo, podemos caminhar nessa pesquisa simples de mover Fanon, um psicólogo, para nós educadores. Já que algo que ainda não foi mencionado, mas que é ulterior a esse escrever é que aqui pensamos sobre educação e não qualquer educação, uma que vê de maneira cara as questões étno-raciais em nossa sociedade.

A educação aqui é um lugar de disputa, onde disputamos um sentido de liberdade, onde todos podem ser invariavelmente iguais em suas diferenças.

O racismo traduz uma concentração acentuada de melanina como um valor negativo em nossa sociedade. Como a inevitabilidade da cor de minha pele fosse a inevitabilidade da tragédia de uma existência maldita. Isso faz com que pessoas com o mesmo gênero, mesma classe social, ou seja, pessoas que partem quase do mesmo lugar, sejam invariavelmente diferentes. Contudo, não uma diferença que emerge do inevitável fato que reside no fato de cada um ser único, mas sim uma diferença atravessada por uma hierarquia, onde ser de tal forma é ser menos que de outra.

Fanon ilustra isso com brilhantismo e grande acuidade, na sua obra “Pele Negra Máscaras Brancas” (), de modo quase poético, a opressão de raça sobre a luz do trauma da colonização. Ele percebe a destruição do negro como um “ser” para se tornar um “quase coisa”. Ele ilustra um ambiente neurótico onde a pessoa negra cresce reconhecendo que ser pessoa é ser branco, contudo quando este lida com a inevitabilidade de sua epiderme percebe uma invariável atitude negativa sobre o que é (FANON, 2008). Assim também como o próprio branco é incapaz de perceber plenamente o negro com um ser autônomo e/ou uma forma de vida que pode ser potencialmente tão civilizada como o branco, o qual poderia assumir sua dinâmica ontológica propriamente dita entre si. Tal elemento gera um ambiente doentio entre ambos, seja na sua mecânica interna (negro com negro, branco com branco) e externa (negro com branco).

Chegada em Magé

A partir deste elementos gerais penso que podemos nos sentar sobre uma possível ressignificação dessa obra para edificar uma revisão sobre o fenômeno da educação institucional. Assim construir potenciais movimentos de estranhamento aos elementos racistas, que muitas das vezes emergem como se fosse algo natural e não construído. No caso em questão se assume aqui como fonte de pensar a educação na vivência que este autor tem como professor das séries iniciais. Mais especificamente como professor de história do fundamental II (sexto até o nono ano) na cidade de Magé localizada no estado do Rio de Janeiro.

No caso precisamos dar um lugar mais claro a vivência desse lugar. Dizer que trabalho em Magé diz muito pouco e isso precisa ser depurado. Primeiramente, o que se entende por Magé? Podemos dizer que ela é uma cidade que se localiza nos limites entre a região metropolitana do rio e a região serrana. Esse mesmo lugar faz dessa cidade se colocar como uma cidade que se pensa menor do que ela realmente é. Como morador e professor compartilho um certo consenso que perpassa no ar.

Os moradores de Magé, principalmente, os alunos parecem encarar sua cidade como um lugar incompleto. Magé é a cidade sem cinema, sem lugar para sair, sem um shopping, sem estrutura, etc, etc. O que parece nos diferentes discursos que surgem da narrativa da cidade é um certo mal estar, ou melhor, uma falta de autoestima.

Amar Magé para os alunos que convivo parece um disparate. Claro que eles não se expressam dessa forma, mas se faço um elogio sobre a cidade em sala. Isso muitas vezes é passível de risadas ou de comentários ácidos. A insatisfação com aquilo que se apresenta como cidade para esses jovens parece ser poderosa, da mesma forma que isso emana um certo espírito maldito como se ela sempre foi e será assim, incompleta, pela metade.

Tais elementos podem ser associados em diferentes níveis do que poderíamos chamar de trauma colonial. A ideia de um mundo do sul pela metade porque ele não é o norte completo civilizado emana desse mesmo legado. Aqui vemos um ponto de conexão entre o que dissemos a cerca do pensamento de Fanon e a experiência direta da escola que traduzo.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Esses elementos se incorporam no viver da escola num certo duplo estranho. Por um lado as ausências são presentes. A escola que trabalho carece dos elementos e materiais mais diversos e obviamente necessários, que vão de quadras, espaços de convivência, como coisas que chegam a assustar de sua carência como cadeiras, giz e apagadores. Essa presente ausência daquilo que se pensa ser indispensável faz o que seria um certo excesso um sonho distante. A carência se torna argumento da inferioridade e de sua naturalidade.

O espírito que incorpora as falas diversas emanam de uma arquitetônica de naturalidade carente. As escolas se tivessem o que precisavam criaram um certo estranhar, pois como escolas de Magé (periferia da periferia) tem que ter naturalmente ausências.

O ritual do início das aulas não se incorpora como um símbolo “no épico e no hino, vocalizado por um povo unânime reunido na auto-presença de sua fala” (BHABHA, pp. 157, 2013). Toda vez que se formam as filas para se cantar o hino da cidade e o nacional não vemos um reconhecimento, mas sim um ato burocrático.

A cidade no seu vazio se faz apenas na presença da obrigação. O viver numa escola de Magé é um eterno virar de chave. Sinais e ordens sinalizam uma vivência esvaziada de um porquê... Isso afeta diretamente a maneira dos alunos em lidar com as atividades para ele oferecidas. O viver dos alunos assume um ar apático de indiferença ao que a escola oferece e uma atitude persistente de “o quanto mais rápido me livrar disso melhor”.

O intuito das crianças ali dentro é se libertar e para isso é ter o mínimo coeficiente necessário para “passar de ano” e o que puder fugir, seja com a conversa entre os amigos, seja com seus aparelhos celulares e suas músicas.

O entre-lugar Magé e Fanon

Em face dessa breve narrativa, a qual fiz com o intuito de sinalizar um desafio onde vivo, não o que seria a totalidade de ser professor numa escola de Magé, faço a pergunta: A que nos serve Fanon?

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Antes de mergulhar nesse indagar, gostaria de trazer algumas palavras de Homi K. Bhabha

Ler Fanon é vivenciar a noção de divisão que prefigura- e fende- a emergência de um pensamento verdadeiramente radical que nunca vem à luz sem projetar uma obscuridade incerta. Fanon é o provedor da verdade transgressiva e transicional. Ele pode ansiar pela transformação total do Homem e da Sociedade, mas fala de modo mais eficaz a partir dos interstícios incertos da mudança histórica: da área de ambivalência entre raça e sexualidade, do bojo de uma contradição insolúvel entre cultura e classe, do mais fundo da batalha entre representação psíquica e realidade social. (BHABHA, pp. 77, 2013)

O que sinalizamos aqui? A própria relação dupla do olhar de Fanon. Sua poderosa frase “O negro não é. Nem tampouco o branco.”(FANON, pp 210, 2008) Sinaliza esse duplo de luz e trevas em Fanon, pois este não propõe uma resolução final ao problema do racismo, mas sim ao trazer uma pergunta decisiva ao processo.

O acesso à imagem da identidade só é possível na negação de qualquer ideia de originalidade e plenitude; o processo de deslocamento e diferenciação (ausência/presença, representação/repetição) torna-a uma realidade limiar. A imagem é a um só tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença, e, justamente por isso, uma metonímia, um signo de ausência e perda. É precisamente a partir dessa extremidade do sentido e do ser, a partir dessa fronteira deslizante de alteridade dentro da identidade, que Fanon pergunta: “O que quer um homem negro?” (BHABHA, pp. 95, 2013)

Essa crise axiológica tem uma forte potencia de aproximar o sentido que se perde nos corredores de uma escola de Magé.

O naturalismo de uma inferioridade mageense pode ser aproximado ao sentido que Fanon dá para o estranhamento da imagem do negro pelo olhar branco

Eu tinha de olhar o branco nos olhos. Um peso desconhecido me oprimia. No mundo branco o homem de cor encontra dificuldades no desenvolvimento de seu esquema corporal... Eu era atacado por tantãs, canibalismo, deficiência intelectual, feitichismo, deficiências raciais... Transporteimei-me para bem longe de minha própria presença... O que mais me restava senão uma amputação uma excisão, uma hemorragia todo o corpo de um sangue negro? (FANON, pp. 157-158, 2008)

Isso nos aproxima a perceber o clima que perpassa o ar dentro de certas escolas que como colocamos aqui corporifica uma existência incompleta burocrática e mecânica.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Tais elementos se fazem como uma experiência coletiva, contudo também desigual dentro deste mesmo esvaziar. Nas próprias estratégias de fuga vejo que certos corpos e tons tem mais recursos que os demais.

Um elemento frisado anteriormente é a presença dos aparelhos eletrônicos. Mesmo numa escola humilde com alunos de baixa renda, não é raro perceber a presença de aparelhos celulares de ponta, em alguns casos mesmo tablets ou laptops. A tecnologia que serve como fuga da própria atividade burocrática da escola é presente com maior frequência em alunos com determinada cor, no caso, quase todos brancos. Assim como a presença na direção, devido a problemas “comportamentais”, e majoritariamente de alunos homens e negros.

Se podemos frisar uma experiência coletiva uma experiência coletiva da cidade nesse âmbito de vivência pós-colonial. Podemos também sinalizar que nas especificidades internas do corpo da cidade Magé, que aqueles que no degrade de valores traduzido em cor as quais estão mais próximo do europeu colonizador demonstram dentro do que existe uma diacronia entre essas relações.

Essa diacronia pode ser percebida em elementos simbólicos, como o próprio caderno de ocorrências, onde se sinalizam o comportamento considerado inadequado dos alunos, o qual é coberto por um “TNT” negro sinalizando o peso de seu símbolo.

Deste elementos penso no sentido de reler Fanon a luz desse mesmo cenário. Levantar esses elementos sobre a realidade deste professor não significa em hipótese alguma colocar como objeto o ambiente escolar, mas ao trazê-lo permitimos um lugar de reler Fanon. Isso implica em repensar o possível potencial de resinificação que este pode ter em nossa realidade.

Aqui tentamos colocar uma questão sobre a própria ética do profissional da educação em relação ao que Fanon coloca como autor. Nesse dialogo nós nos colocamos para pensar nossa ação e assim transformar nossa atitude diante do fazer docente.

XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar

Bibliografia:

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2010, 5ª ed.

BAKHTIN, M. Para um Filosofia do Ato. Tradução Carlos Alberto Farraco e Cristovão Tezza. 1993.

BHABHA, H. K. O local da cultura. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013, 2ª ed.

FANON, F. Pele Negra Máscaras Brancas. Tradução Renato da Silveira. Salvador. EDUFABA, 2008.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo. Editora Cortez. 2011. 8ª ed.